

Seis escolas param e exigem segurança

Jorge Cardoso

A comunidade escolar de seis unidades de ensino de Ceilândia paralisou as suas atividades na tarde de ontem para reivindicar segurança. Cerca de 300 alunos, professores e pais saíram em passeata pelas ruas da satélite para denunciar a violência que ocorre diariamente nas escolas públicas do DF. Segundo Daniel de Sousa, diretor do Centro Educacional nº 7 e organizador do evento, a comunidade não está disposta a esperar por novas vítimas fatais para que sejam implantadas medidas de segurança. "As ameaças, assaltos e tentativas de estupro continuam acontecendo, por isso exigimos policiamento ostensivo já, enquanto o Batalhão Escolar continua apenas um projeto no papel".

No encerramento da manifestação, em frente à Administração Regional, uma comissão do movimento entregou ao administrador Jorge Roberto Ferreira um documento exigindo a presença diária de policiais em todas as escolas, principalmente naquelas de maior incidência de casos de violência, como no Centro Educacional nº 7 e Centro de Ensino nº 10, entre outros. Jorge Roberto prometeu encaminhar as reivindicações ao governador Roriz e ao secretário de Segurança, João Manoel Brochado. O administrador afirmou ainda que vai usar o documento da comunidade como forma de pressão para a aprovação do Batalhão Escolar pelo Congresso.

Críticas

Os manifestantes criticaram a falta de policiamento nas escolas, lembrando que as autoridades sempre alegam que não existem recursos humanos suficientes para o trabalho. "Entretanto em qualquer greve ou passeatas encontramos mais policiais que trabalhadores", afirma Lúcia Carvalho, presidente do Sindicato dos Professores. A sindicalista fala ainda que a polícia deve se preocupar primeiro em defender vidas, para depois pensar em preservar os patrimônios. "Se vocês administradores não entrarem nesta luta perdemos a oportunidade de preservarmos a vida e a escola enquanto é tempo".

O comandante da Companhia de Polícia de Ceilândia, capitão Chagas, explicou que o contingente policial local é de apenas 458 homens para atender uma população de 600 mil habitantes. "Mesmo assim, já estamos utilizando medidas emergenciais, como a colocação de policiais em escolas". Segundo o capitão Chagas, 15 escolas já contam com este tipo de segurança e



A manifestação reivindicando maior segurança nas escolas reuniu cerca de 300 alunos, professores e pais em Ceilândia

até o final da próxima semana eles conseguirão atender as 44 unidades consideradas de maior risco. O capitão fala ainda da implantação de um plantão específico para atender os chamados das escolas, além das rondas da radiopatrulhas, que já estão substituindo a Rocan em Ceilândia.

Ameaças de morte

Segundo os diretores, a violência mais comum é a ameaça de morte, quando os professores tentam impedir que pessoas estranhas entrem na escola. Só no Centro Educacional nº 7, na última semana, duas professoras foram juradas de morte. Nesta mesma escola, um aluno foi espancado por dois policiais de nomes Salomão e Fernandes, no pátio da escola. "É difícil controlar a situação porque exigimos policiais, porém nem todos es-

tão preparados para lidar com alunos", informa Daniel de Sousa. O capitão Chagas não soube explicar a atitude dos policiais, afirmando apenas que eles não estavam escalados para trabalhar nessa escola.

A diretora do Centro de Ensino 10, Edircéa Oliveira, contou também que esta semana foi obrigada a encerrar as aulas noturnas mais cedo devido à ameaça de vários marginais armados que invadiram a escola. "Eles ameaçavam atirar a todo momento, acrescentando que não temiam a polícia. Por isso, não adiantava chamá-los". Edircéa afirmou que a situação da escola é insustentável, pois ela está localizada entre duas quadras violentas, as QNMs 23 e a 25, consideradas o "barril de pólvora" de Ceilândia. "Estas duas quadras estão sempre em guerra entre si, e as vítimas somos nós que estamos no meio".

Enterro é outra vez adiado

Uma das salas do setor de acatamento do Centro de Triagem e Observação de Menores (Cetro), na Asa Norte, está sendo ocupada desde o começo da noite da última quarta-feira, pelo estudante C.M.S, 16 anos, o Cris. Acusado de ser o autor dos dois tiros que mataram seu colega Raphael Archanjo Perez Cruz, 17 anos, o adolescente permanecerá sob a custódia da Vara de Menores do Tribunal de Justiça do DF, enquanto não for conhecida a sentença final, revelou um funcionário do juizado.

Sobre o tempo de permanência de Cris nas dependências do Cetro, os funcionários esclarecem que depende do juiz. Eles afirmam que, diante de uma situação grave como a de Cris, dificilmente o juiz concederá aos pais do menor a responsa-

bilidade de sua guarda, enquanto não for aplicada a sentença final. No depoimento que prestou, Cris afirmou que só atirou em Raphael porque esse tentou violentá-lo.

O crime ocorreu na área externa da Escola de Música de Brasília, para onde os menores se dirigiram, após encerrarem a prova de português que fizeram no Colégio Compacto, L-2 Sul, quadra 602, em que são alunos de 1º grau.

O sepultamento de Raphael foi novamente adiado para hoje, já que os peritos do Instituto Médico Legal (IML) não concluíram até o final da tarde de ontem a confecção do molde da sua arcada dentária, para o exame de comparação de lesão corporal em Cris. O autor dos disparos acusa de ter recebido mordidas de Raphael antes do crime.

UnB já tem aula à noite

O primeiro curso noturno de Administração da Universidade de Brasília (UnB) teve início ontem, às 20h00, com a aula magna do reitor Cristovam Buarque. Ele se desculpou com as pessoas presentes, dizendo que "o curso regular noturno da UnB começava com 25 anos de atraso".

Para um atento auditório, composto de alunos do curso de Administração, do diretor do Departamento de Administração, Saulo Tristão, do senador Pompeu de Souza, do presidente do Conselho Regional de Administração, Martinho Coura, representantes da Secretaria de Educação e do Conselho Federal de Administração, o reitor discorreu sobre seu projeto para a UnB, sob o título "Na Fronteira do Futuro".

Esporte

Segundo Cristovam Buarque, cerca de 30% das atividades da UnB hoje são realizadas no período noturno, com a apresentação de dezenas de aulas de disciplinas dos diversos cursos ali ministradas. Já no segundo semestre letivo ele pretende promover todas as atividades desportivas da universidade no período noturno. Para isso, iluminou a piscina olímpica e prepara a iluminação do campo de futebol.

Nos próximos dias, ele leva ao Conselho Universitário da UnB a proposta de transferir para o turno da noite todos os cursos cujas vagas não forem preenchidas durante o vestibular.

Reitor

Cristovam Buarque disse que aguarda com serenidade a decisão do ministro da Educação, Carlos Sant'Anna, nomeando o professor Antonio Ibañez Ruiz para a reitoria da UnB. Ele considerou democrático o processo de escolha do futuro reitor, que espera apenas a conclusão do processo de nacionalização para assumir o cargo. Em agosto próximo Cristovam Buarque retorna à sua cátedra, no Departamento de Economia.